

ONTOGÊNESE E FILOGÊNESE EM FREUD (Ontogenesis and Phylogenesis in Freud)

Eduardo de Carvalho Martins¹

Resumo: O presente artigo procura discutir a relação intensa que Freud estabeleceu com as disciplinas biológicas vigentes, evidenciando como o autor utilizou as investigações etiológicas das neuroses em direção a uma superação da dicotomia existente entre explicações ontogenéticas e filogenéticas. O trabalho pretende mostrar que as explicações freudianas se pautaram pela constante oscilação na adoção de explicações psicológicas e biológicas, contribuindo para a emergência de panoramas interpretativos muitas vezes antagônicos em torno de sua obra. A obra madura de Freud, por fim, caminhou em direção a uma recusa das explicações puramente ontogenéticas ou filogenéticas na patogênese dos fenômenos neuróticos. Tal oposição se tornou cada vez mais alheia ao projeto explanatório freudiano de explicação etiológica dos fenômenos histéricos, uma vez que o autor procurou utilizar, por meio dos conceitos de equação etiológica e, posteriormente, de séries complementares, uma abordagem explanatória de sobredeterminação. Tal panorama explanatório, por sua vez, é convergente com uma série de estudos contemporâneos que relacionam aspectos genéticos, fatores ambientais infantis e contingências ambientais da vida adulta na ocorrência de quadros neuróticos.

Palavras-chave: Freud, Biologia, Filosofia da Psicanálise.

Abstract: The present study aims to discuss the intense relationship that Freud had with biological sciences at his times, describing how the author used researches in the field of neurosis' etiology in a way that aimed to overcome the existent dichotomy between ontogenetic and phylogenetic explanations. This study aims also to show that Freudian explanations were characterized by the constant oscillation in the adoption of psychological and biological arguments, that contributed to create interpretative notions that were, many times, contradictory with his own work. The mature work of Freud was, in the end, directed towards neglecting a purely ontogenetic or phylogenetic explanation for neurogenic phenomena. Such an opposition became progressively isolated from the Freudian explanatory project of an etiological explanation of hysterical phenomena, since the author pretended to use, by means of his etiological equation first and later by means of his complementary series, an explanatory approach to over-determination. Such explanatory scenery, in turn, converges with a series of contemporary studies that relate genetic aspects, environmental factors during infancy and environmental contingencies during adulthood to the occurrence of neurogenic conditions.

Keywords: Biology, Freud, Philosophy of Psychoanalysis.

É sabido que a disciplina freudiana foi objeto de intensa disputa interpretativa acerca de seu estatuto epistemológico. A pluralidade de abordagens e modelos interpretativos em torno da obra freudiana foi responsável tanto pela sua extraordinária

difusão quanto pela emergência de leituras muitas vezes antagônicas. Porém, mesmo que não entremos na querela acerca do valor epistêmico da disciplina freudiana, não podemos negar o intenso diálogo estabelecido com as ciências biológicas da época. A relação de Freud com a biologia é tão explícita e reiterada em todo o decorrer de sua obra que seria no mínimo curioso evidenciar a rejeição enfática por parte da literatura de comentário no que diz respeito a este ponto específico. Durante o século XX, as inúmeras interpretações que permearam o programa de pesquisa psicanalítico oscilaram entre a aceitação dos enunciados biológicos freudianos – inclusive através de seu aprofundamento, tal como em Sándor Ferenczi, Georg Groddeck e Wilhelm Reich – e a completa rejeição de tais enunciados – tomados como resquícios do passado organicista freudiano e sinal de uma linguagem eminentemente metafórica que tenta tomar conceitos oriundos de disciplinas supostamente incompatíveis, como a biologia (Edelson 1984).

Retornando ao texto freudiano, vemos que a rejeição dos enunciados biológicos realizada pelos comentadores parece não se basear única e exclusivamente na leitura fiel de sua obra, mas em certa tendência interpretativa que pressupõe a existência da incompatibilidade entre diferentes disciplinas – no caso em questão, a psicanálise e a biologia. Conforme veremos, apesar de Freud também ter recorrentemente rejeitado considerações teóricas em virtude de pertencerem exclusivamente ao campo de estudo das ciências biológicas da época, não podemos negar que ele sempre estabeleceu estreito diálogo com estas. Certa tradição crítica procurou recusar os variados aspectos naturalistas da disciplina freudiana, principalmente os biológicos, outorgando-lhes um papel dispensável no desenvolvimento da teoria psicanalítica. Sendo assim, para esta tradição, as hipóteses biológicas freudianas teriam servido apenas como meio de manter uma pretensa aparência naturalista e de se inserir no campo discursivo da medicina vigente na época, predominantemente ‘anatomicista’. De acordo com esta corrente interpretativa, o naturalismo freudiano não condizia com seu objeto de estudo, sendo que os enunciados biológicos não somente poderiam, mas deveriam, ser descartados do conjunto dos enunciados psicanalíticos.

Tomamos como base para nossa discussão o debate freudiano acerca dos fatores hereditários e adquiridos responsáveis pelas determinações psíquicas, que adquire grande relevância no desenvolvimento de sua obra, fazendo com que as considerações biológicas adquiram maior ou menor peso diante das diferentes posições adotadas. Um exemplo pode ser encontrado no prólogo à terceira edição dos *Três Ensaios de teoria sexual*, em que Freud enfatiza novamente a complexa relação existente entre a biologia e a psicanálise, demonstrando mais uma vez como sua concepção sobre o que considera biológico se altera em função do contexto explanatório:

Este escrito é tributário das experiências psicanalíticas que levaram a redigi-lo, que se evidenciam não só na seleção do material como em seu ordenamento. Nele se atende a certo itinerário de instâncias, se dá prioridade aos fatores acidentais, os fatores disposicionais são deixados em segundo plano, e o desenvolvimento ontogenético é considerado antes do filogenético. Com efeito, o acidental desempenha um papel principal na análise, e este a domina quase por completo. Em contrapartida, o disposicional somente sai à luz por trás dele, como algo despertado pelo vivenciar, porém cuja apreciação excede em muito o campo de trabalho da psicanálise.

Uma proporção parecida governa a relação entre ontogênese e filogênese. A primeira pode considerar-se como uma repetição da filogênese na medida em que esta não é modificada por um vivenciar mais recente. Por detrás do processo ontogenético se faz notar a disposição filogenética. Porém, no fundo, a disposição é a sedimentação de um vivenciar anterior da espécie, ao qual o vivenciar mais novo do indivíduo vem agregar-se como soma de fatores acidentais. (...) Junto à sua fundamental dependência da investigação

psicanalítica, tenho que destacar, como característica deste meu trabalho, sua deliberada independência a respeito da investigação biológica (Freud 1905 [parágrafo agregado em 1914], p. 118).

A passagem ilustra bem a relação intrincada entre fundamentação biológica e teorização psicanalítica na obra de Freud. Ela evidencia a identificação que Freud opera entre a investigação biológica e as questões relativas aos fatores disposicionais que, segundo ele, são deixados em segundo plano. A posição do autor deixa transparecer o modo como ele proclama independência diante da investigação biológica ao mesmo tempo em que recorre a uma abordagem biológico-filogenética na explicação do fator disposicional.

Freud estava consciente de que a adesão à explicação biológica vigente trazia consigo alguns pressupostos contrários aos seus postulados principais. Para ele, a teoria sexual psicanalítica contida nos *Três Ensaio*s, com sua tese da sexualidade infantil, se encontrava entre as “poucas averiguações da psicanálise que suscitaram uma desautorização tão universal ou despertaram tamanha explosão de indignação (...)” (Freud 1925 [1924], p. 32). A revolta perante sua teoria seria fruto do choque que ela estabelece com os preceitos morais sobre os quais se baseavam muitas das formulações biológicas. As teorias vigentes seguiam de certo modo os princípios religiosos que atribuíam à sexualidade uma finalidade exclusivamente reprodutiva, emergindo, portanto, somente durante a puberdade e se vinculando unicamente ao ato sexual propriamente dito. O notório caráter perverso e polimorfo das manifestações sexuais – expressos por meio dos comportamentos sexuais infantis e atividades eróticas não vinculadas à finalidade reprodutiva – constituíam fortes indícios para Freud se distanciar da concepção sexual corrente e lançar as bases sobre as quais sua teoria da sexualidade infantil e dos estádios libidinais pudessem se erguer. No entanto, afastar-se de certa concepção biológica predominante não significava rejeitar completamente a biologia em direção a uma pura psicologia; ao contrário, significava propor novos modelos de sexualidade não pautados nas concepções tradicionais, “aplicar a psicanálise a outro âmbito do saber, e inferir, a partir de seus dados, um fragmento, desconhecido até então, do acontecer biológico” (*ib.*, p. 33). A intenção era superar, por meio das investigações psicanalíticas, as limitações que as concepções biológicas não haviam conseguido ultrapassar.

Uma das principais intenções dos *Três ensaios* consiste no questionamento das premissas biológicas específicas acerca da sexualidade – a postulação da sexualidade infantil e o questionamento da finalidade meramente reprodutiva dos comportamentos sexuais. No prefácio à quarta edição dos *Três ensaios*, redigido em 1920, Freud enfatiza que a rejeição da tese acerca da psicosexualidade infantil decorre de fatores afetivos e que a importância da sexualidade já houvera inclusive sido ressaltada por outros autores, como Schopenhauer e Platão. Ele atenta para a resistência na aceitação de parte da teoria contida nos *Três Ensaio*s que faz fronteira com a biologia. Em virtude desta resistência, o autor procura restringir o domínio psicanalítico ao estudo dos fatores acidentais e psicológicos:

Tenho evitado cuidadosamente introduzir expectativas científicas provenientes da biologia sexual geral, ou da biologia de diversas espécies animais, no estudo que a técnica da psicanálise nos possibilita fazer sobre a função sexual do ser humano. Na verdade, meu propósito foi investigar tudo que é possível juntar acerca da *biologia da vida sexual humana* com os meios de investigação psicológica; era-me lícito assinalar as relações de consequência e de concordância obtidas à raiz desta indagação; porém, o fato de que em muitos pontos importantes o método psicanalítico conduzira a perspectivas e resultados muito diversos dos produzidos unicamente pela biologia não era razão suficiente

para apartar-me de meu caminho (Freud 1905 [parágrafo agregado em 1914], p. 118, grifos nossos).

Freud ressalta a independência de seu trabalho diante das pesquisas propriamente biológicas, numa clara tentativa de validação do método psicanalítico de investigação. Contudo, defende que os meios de investigação psicológicos possibilitam reunir uma série de informações acerca da *biologia* da vida sexual humana. Ou seja, ele opera uma distinção entre a biologia sexual geral e a *biologia* da vida sexual humana, demonstrando que a sua relação com a biologia não é de negação radical, mas de rejeição de certo tipo de biologia. Porém, mesmo que se admitisse na passagem supracitada que Freud defende uma completa autonomia psicanalítica perante a investigação biológica, poderíamos ver, paradoxalmente, como ele termina seus *Três Ensaios*:

Não obstante, estas indagações acerca das perturbações da vida sexual têm gerado um fruto insatisfatório; isto se deve ao fato de que não sabemos o suficiente acerca dos processos biológicos em que consiste a essência da sexualidade para poder formar, a partir de nossos conhecimentos isolados, uma teoria que baste para a compreensão tanto do normal quanto do patológico (Freud 1905, p. 222).

Freud admite claramente a insuficiência das considerações puramente psicológicas e a necessidade de maior conhecimento dos processos biológicos que constituem a essência da sexualidade. No entanto, cabe perguntar qual a natureza destes processos biológicos requeridos por Freud, pois, como acabamos de ver, ele distingue a biologia sexual geral da biologia sexual humana.

Sua proposta de independência teórica procura se afastar de certa biologia que encara a função sexual como produto de disposições exclusivamente fisiológicas e direcionada exclusivamente à finalidade reprodutiva que se inicia na puberdade. Neste sentido, a introdução de uma teoria geral do apoio ou anáclise, realizada nos *Três Ensaios*, procura dar conta desta relação entre as disposições biológicas e a plasticidade ontogenética dos processos libidinais. Este conceito é entendido como disposição fisiológica sobre o qual as demandas libidinais se assentarão na constituição das zonas erógenas, situado nesta fronteira explanatória entre a determinação fisiológica e a psicológica:

O primeiro órgão que aparece como zona erógena e propõe à alma uma exigência libidinosa é, a partir do nascimento, a boca. No começo, toda atividade anímica se acomoda de modo a procurar satisfação à necessidade desta zona. Ela serve primariamente a autoconservação pela via do alimento, porém, não é lícito confundir fisiologia com psicologia. Muito precocemente, no sugar que o bebê persevera obstinadamente se evidencia uma necessidade de satisfação que – se bem que tenha como ponto de partida a recepção do alimento e é incitada por esta – esforça-se por obter prazer independente da nutrição, e que por isso pode ser chamada de sexual (Freud 1940 [1938], p. 151).

A função sexual estava presente desde o começo; primeiro se apoiava nas funções de importância vital, e logo de tornava independente delas (Freud 1925 [1924], p. 33).

O conceito de apoio surge exatamente como uma noção fronteira entre o exclusivamente fisiológico e o sexual entendido psicanaliticamente, uma vez que se apóia primariamente em instintos vitais para depois adquirir progressiva independência perante as funções orgânicas originárias. As primeiras satisfações sexuais se constituem a partir do atendimento das necessidades vinculadas à conservação da vida. O seio materno emerge como o objeto anaclítico paradigmático, uma vez que o apoio originário se baseia na satisfação da fome, atendendo as exigências de autoconservação

do lactente. Esta relação anaclítica fornecerá a base para a emergência da capacidade de amar da criança e para as relações objetais posteriores: “Durante o período de latência, a criança aprende a amar as pessoas que remédiam seu desamparo e satisfazem suas necessidades. Ela o faz seguindo inteiramente o modelo de seus vínculos de lactante com a provedora” (Freud 1905, p. 203).

Percebe-se a tentativa freudiana de não se vincular excessivamente às considerações biológicas e moralistas da época – que acabaram lhe outorgando a alcunha de pansexualista – mas também de não deixar de considerar a fundamentação biológica que o fenômeno requer. Uma vez que a satisfação pulsional não é mediada exclusivamente pelas necessidades orgânicas, sendo o objeto de satisfação da pulsão arbitrário por definição, a psicanálise emerge exatamente na recusa da redução teórica às considerações exclusivamente biológicas da época, embora ainda se baseie em premissas de fundo biológico. O desejo, enquanto conceito eminentemente psicológico, foi fundamentado na satisfação de necessidades biológicas, e adquire progressiva independência com base nas relações objetais ontogenéticas. Esta independência garante, por um lado, o caráter propriamente psicológico da teoria, mas também engendra algumas questões com as quais Freud teve que se deparar.

Um dos problemas que Freud parece não ter solucionado completamente em *Três Ensaio* – pelo menos em suas primeiras edições –, é latente desde seus estudos iniciais acerca da etiologia das neuroses, qual seja, a relação entre as determinações universais e as contingentes implícita na discussão de fatores constitucionais e ambientais. A proposta de análise ontogenética dos fatores ambientais e contingentes não permitia a plena constituição de uma teoria suficientemente geral que pudesse dar conta de aspectos relacionados ao desenvolvimento psicosssexual e ao modo de funcionamento psíquico como um todo. Freud se depara com exigências epistêmicas de generalização de suas observações psicológicas acidentais a fim de constituir uma teoria da mente suficientemente ampla que garantisse uma explicação geral dos mecanismos psíquicos. A exigência crescente de formalização requerida pelo desenvolvimento da teoria, por meio da tentativa de generalização das formulações singulares, coloca Freud em uma situação delicada: ele admite a universalidade de fenômenos expressos por conceitos tais como o complexo de Édipo, o dualismo pulsional e a sexualidade infantil. Estes fenômenos possuem uma fundamentação filogenética que lhes garante a universalidade pretendida pelo autor. Em contrapartida, ele freqüentemente recusa a perspectiva biológica como fonte primária de evidência sobre a qual os conceitos poderiam ser remodelados ou recusados, fato que ameaça a generalização teórica, ou pelo menos exige uma fundamentação que explique o porquê da universalidade das formulações. A ausência de universalidade atribuída aos fenômenos restringiria as explicações a contextos culturais e explicativos específicos, diminuindo o potencial explanatório da teoria. A formulação da teoria da sedução e seu posterior abandono representam exemplarmente esta tensão e perpassa toda a discussão em relação à patogênese dos fenômenos neuróticos:

Ao cair por terra a suposta freqüência da sedução na infância, aconteceu o mesmo também à exagerada insistência nos influxos acidentais que afetavam a sexualidade. Embora sem desconhecer os fatores constitucionais e hereditários, eu havia pretendido atribuir àqueles primeiros o papel principal na causalidade da enfermidade. (...) Ao perder terreno os influxos acidentais do viver, os fatores da constituição e da herança reafirmaram sua primazia. Porém, com uma diferença em relação à concepção dominante: em minha doutrina, a ‘constituição sexual’ substituiu a disposição neuropática geral (Freud 1906 [1905], p. 267).

Sua posição parece oscilar entre a utilização de explicações prioritariamente biológicas e hereditárias, advindas de sua formação médica, e concepções que emergem

do contexto de investigação progressiva dos fenômenos histéricos, advindas da prática de investigação psicológica. Podemos ver nos primeiros textos dedicados ao estudo e investigação dos fenômenos histéricos a herança das concepções charcotianas que consideravam a hereditariedade como a causa única da histeria (Freud 1893, p. 22), sendo esta uma degeneração que fazia parte da *famille névropathique*:²

A etiologia do *status hystericus* há de buscar-se por inteiro na herança: os histéricos estão sempre dispostos por herança a umas perturbações da atividade nervosa, e entre seus parentes se encontram epiléticos, enfermos psíquicos, tabéticos, etc. Também se observa uma transferência hereditária direta da histeria, que, por exemplo, está na base da aparição de histeria em meninos (por herança materna). Todos os outros fatores ocupam um segundo plano frente à hereditariedade, e desempenham um papel de causas ocasionais cujo significado é geralmente superestimado na prática (Freud 1888, p. 55).

Neste texto, seguindo o caminho trilhado por Charcot, Freud procura identificar as causas meramente acidentais, dada a confiança no caráter de anomalia constitucional da histeria (*ib.*, p. 57), cuja disposição para apresentação de sintomas é favorecida pela ocorrência de fatores secundários. Ademais, neste período, o tratamento se restringe aos procedimentos hipnóticos de sugestão e medidas de amenização dos fatores secundários, justamente devido à postulação do fator hereditário e disposicional da etiologia histérica. No entanto, Freud já considera que o “tratamento psíquico direto dos sintomas histéricos chegará a ser mais utilizado quando nos círculos médicos se compreenda melhor a sugestão” (*ib.*, p. 62), renunciando o que viria a ser depois o seu principal instrumento de trabalho, a cura pela fala,³ logo após o abandono da metodologia da hipnose.⁴

Em 1892, Freud ainda se encontra em posição de dúvida sobre as causas dos distúrbios neuróticos, inclusive em relação às afecções que seriam posteriormente tratadas como etiologicamente adquiridas, como a neurastenia, pertencente ao quadro nosográfico das neuroses atuais:

Não tenho certeza de que esta forma de neurastenia possa ser totalmente adquirida, e por isso, e também por não conhecer os outros familiares de meu paciente, deixo em aberto o problema de saber se cabe supor a existência de uma predisposição hereditária à neurose em sua família (Freud 1892-93, p. 152).

Freud ainda adere, neste momento, à concepção charcotiana, defendendo a suposição de que haja um estado hereditário de disposição para a histeria, momento no qual as representações penosas contrastantes têm acesso à inervação somática e produzem os sintomas. Mas é também por volta desta época que ele inicia suas divergências explícitas em relação às concepções de Charcot:

É provável que alguns leitores, assim como eu, farão objeções à doutrina etiológica de Charcot, que não separa a predisposição para as neuroses da que inclina às doenças nervosas orgânicas, que não leva em conta o papel (nada desdenhável) desempenhado pelas afecções nervosas adquiridas e que considera como predisposição neuropática hereditária o artritismo em algum parente. A superestimação do fator hereditário também explica o fato de que Charcot não menciona, ao abordar a enfermidade de Basedow, o órgão em cujas alterações devemos procurar, segundo fortes indícios nos aconselham, a genuína causa da afecção. Refiro-me à glândula tireóide e, em conexão com essa discussão sobre o fato de a disposição hereditária e o trauma psíquico desempenharem papel importante no desenvolvimento da doença, posso mencionar o excelente artigo de Moebius (1891) sobre a enfermidade de Basedow (Freud 1892-94, p. 174).

A preocupação freudiana de identificação das causas específicas da neurose já era evidente desde seus estudos com Charcot na Salpêtrière. Neles, ele progressivamente procura contrariar seu mestre e outros autores, como Guinon, Gilles de la Tourette e

Janet (Freud 1896a, p. 143), que atribuíam à etiologia dos fenômenos histéricos fatores essencialmente hereditários, sendo os demais considerados como meramente acidentais – *agents provocateurs*. A resposta freudiana ao excessivo constitucionalismo presente nas teorias precedentes se expressou através de uma investigação das causas ambientais específicas que poderiam exercer efeito sobre a gênese dos sintomas. Esta investigação norteou a prática clínica e as preocupações dos primeiros escritos psicanalíticos, podendo ser considerada a base sobre a qual o edifício teórico freudiano pôde se assentar.

No *manuscrito A*, escrito à Fliess no final de 1892, Freud formula algumas questões:

(2) Como difere a conduta do são frente aos traumas sexuais posteriores da conduta do predisposto pela masturbação? (...) (4) Existirá uma neurastenia inata, com fraqueza sexual inata, ou será ela sempre adquirida na juventude? (Por meio das babás, da masturbação praticada por outra pessoa.) (...) (5) Será a hereditariedade algo mais que um multiplicador? (...) (6) O que é que participa da etiologia da depressão periódica? (Freud 1950 [1892-99], p. 215).

As hipóteses para resolver estas questões seguem a tendência etiológica ambientalista:

(1) Não existe nenhuma neurastenia ou neurose análoga sem perturbação da função sexual. (2) Esta tem um efeito causal imediato, ou então atua como uma disposição para outros fatores, mas sempre de tal modo que, sem ele, os demais fatores não podem causar neurastenia. (...) (6) A neurose de angústia é, em parte, uma consequência da inibição da função sexual. (7) O excesso simples e a sobrecarga de trabalho não são fatores etiológicos. (8) A histeria, nas neuroses neurastênicas, indica a repressão dos afetos concomitantes (Freud 1950 [1892-99], p. 216).

A ênfase outorgada ao fator ambiental prossegue, no manuscrito B, de 8 de fevereiro de 1893, tendo como modelo o questionamento freudiano, em parceria com Breuer, do caráter hereditário de toda histeria a fim de demonstrar a origem necessariamente sexual de toda neurastenia:

Com Breuer, tenho sustentado para a histeria um ponto de vista semelhante. A histeria traumática era conhecida; nós dizemos então: toda histeria que não seja hereditária é uma histeria traumática. E o mesmo agora para a neurastenia: toda neurastenia deve ser sexual. Por enquanto deixemos de lado se uma predisposição hereditária e, secundariamente, se uns influxos tóxicos podem produzir neurastenia genuína; tampouco se a neurastenia aparentemente hereditária pode se remontar a um abuso sexual prematuro. Se existe uma neurastenia hereditária, isso nos coloca certas questões: se o *status nervosus* dos hereditários não deveria ser diferenciado da neurastenia, que relações têm com os sintomas correspondentes da infância, e assim por diante (Freud 1950 [1892-99], p. 217).

O criador da psicanálise continua sua tarefa de identificação dos fatores ambientais, questionando inclusive o *status nervosus* da neurastenia quando lhe atribuída uma etiologia hereditária. Freud relativiza a explicação hereditária a fim de comprovar sua hipótese acerca da patogênese predominantemente sexual dos quadros neurastênicos em geral e do caráter sexual traumático na gênese dos fenômenos histéricos. No entanto, a fim de não rejeitar totalmente os fatores causais hereditários, ele opta pela formulação de uma espécie de ‘solução de compromisso’: a hipótese da equação etiológica:

Na etiologia de uma afecção nervosa cabe distinguir: 1) a condição necessária, sem a qual o estado não apareceria, e 2) os fatores ocasionadores. Pode-se representar do seguinte modo o nexo entre aquela e estes: se a condição

necessária tem ingerência suficiente, a afecção se instala como consequência necessária; se não tem ingerência suficiente, o resultado de seu influxo é primeiro uma predisposição a esta afecção, que deixa de permanecer latente assim que venha a somar-se uma medida suficiente de fatores de segunda ordem; pois bem, a etiologia de segunda ordem pode faltar, a de primeira ordem é indispensável. Aplicado a nosso caso, este esquema etiológico significa: um desgaste sexual pode provocar neurastenia por si só; toda vez que não alcance, haverá predisposto o sistema nervoso a tal ponto que uma afecção corporal, um afeto depressivo ou um trabalho excessivo (influxos tóxicos) não se tolerarão sem neurastenia (Freud 1950 [1892-99], p. 218).

Através da equação etiológica, neste ponto, Freud ainda se limita a analisar apenas os fatores acidentais, uma vez que a tese a ser defendida trata da procura dos determinantes das neuroses atuais, que eram relacionadas diretamente a alguma desordem na vida sexual contemporânea à gênese dos sintomas. Freud generaliza sua hipótese, em alguns momentos, inclusive para o grupo das psiconeuroses: “assim, um homem sexualmente neurastênico torna sua mulher não tanto neurastênica, mas histérica” (Freud 1950 [1892-99], p. 220). Este modelo explicativo de sobredeterminação, no entanto, se expandirá para dar conta não somente das neuroses atuais, mas do conjunto das neuroses como um todo, incluindo posteriormente os fatores ambientais e hereditários, assim como os fatores sexuais infantis. De qualquer modo, neste momento, as propostas etiológicas, apesar de concentradas em fatores ambientais, sempre atentam para o papel do fator hereditário, como nesta discussão acerca das neuroses de angústia:

A questão é novamente, saber até onde este estado: 1) aparece hereditariamente sem a mediação de fatores nocivos sexuais; 2) se desencadeia em hereditários por um fator nocivo qualquer; 3) se soma à neurastenia habitual como um acréscimo de intensidade. Porém, é inquestionavelmente adquirida, e o é por homens e mulheres no matrimônio, no segundo período de influxos nocivos sexuais por obra do *coitus interruptus* (Freud 1950 [1892-99], p. 221).

O fator etiológico principal para as neuroses atuais continua sendo para Freud o *coitus interruptus*, porém não sem antes levantar algumas ressalvas:

(...) eu não sei, então, se aqui existem efetivamente formas hereditárias sem causas sexuais, nem tampouco, por outra parte, se aqui é responsável somente o *coitus interruptus*, se em todos os casos se pode prescindir de uma predisposição hereditária (Freud 1950 [1892-99], p. 221).

Na carta 18, endereçada a Fliess, Freud distingue conceitos que envolvem diferentes misturas de fatores etiológicos hereditários e adquiridos para explicar a neurose. A degeneração seria uma forma inata de conduta anormal dos afetos sexuais, a senilidade entendida como uma degeneração que se desenvolve em função da idade, a conflagração como uma degeneração aguda que emerge em função de degenerações somáticas adquiridas e, por fim, o conflito, noção primordial que recairá sempre sobre o elemento adquirido e sexual do distúrbio neurótico. Em outra carta, endereçada em 1894, Freud analisa um caso em que a debilidade do psíquico para dominar a excitação somática, explicação da neurose de angústia, não pode ser encontrada em nenhum fator ambiental relevante, remetendo a explicação às causas constitucionais: “a etiologia que pode ser encontrada nesse caso, embora qualitativamente importante, seria tolerada como inofensiva por uma pessoa sã” (Freud 1950 [1892-99], p. 237).

Em *A hereditariedade e a etiologia das neuroses*, o autor visa estabelecer o domínio propriamente psicológico de investigação, através de um procedimento indutivo: ele utiliza a indução por eliminação para atestar os fatores hereditários, quando não se identifica mais nenhum fator ambiental comum. Freud também utiliza a

indução por concordância para atestar a causalidade histórica e adquirida, quando se identificam fatores ambientais comuns aos diversos casos estudados. Além do procedimento indutivo, derivado do conjunto de fatos observados, o autor também reconhece que seu procedimento é de “ordem dupla: argumentos de fato e argumentos da especulação” (Freud 1896a, p. 143), enfatizando a complementaridade entre o método observacional e especulativo na gênese das propostas teóricas. Ele chega inclusive a propor um exame estatístico imparcial a fim de identificar os fatores etiológicos das neuroses e a correlação das afecções nervosas com algum histórico familiar pregresso para validar a hipótese hereditária. Freud questiona se a predisposição nervosa hereditária não deve ser encarada como comportando diferentes graus e transições. Ressalta ainda os fatores responsáveis pela mudança na perspectiva exclusivamente hereditária representada por Charcot. Primeiramente, o entendimento da neurose como um fenômeno sobredeterminado (Freud 1905 [1901], p. 29; 1893-95, p. 270; 1896c, p. 214); em segundo lugar, a insuficiência de pesquisas relacionadas às causas específicas e determinantes das neuroses. Sua proposta de investigação psicológica visa contrastar com a explicação hereditária que se baseia exclusivamente na ausência de dados e na expectativa teórica sem suficiente base empírica:

Tem havido pouquíssimas investigações sobre essas causas específicas e determinantes das neuropatias, pois a atenção dos médicos permaneceu subjugada pela grandiosa perspectiva da condição etiológica hereditária (Freud 1896a, p. 145).

Neste texto Freud contraria a concepção charcotiana fornecendo casos, como a neurastenia de Beard,⁵ em que a predisposição hereditária aparentemente não desempenha papel relevante na etiologia de distúrbios nervosos. A investigação etiológica ambientalista ainda possui para ele a vantagem da possibilidade de intervenção terapêutica, uma vez que as causas ambientais são mais facilmente tratáveis que as hereditárias:

Embora seu poder patogênico, somente seja, em geral, apenas acessório em relação ao da herança, há um grande interesse prático ligado ao conhecimento dessa etiologia, que dará acesso ao nosso trabalho terapêutico, enquanto a predisposição hereditária, previamente fixada para o paciente desde seu nascimento, opõe um obstáculo inabordável a nossos esforços (Freud 1896a, p. 145).

A intenção de Freud é clara: oferecer alternativas à *petitio principii* contida nas explicações hereditárias, investigar os fatores ambientais que contribuem não só para a emergência, mas também para a escolha da neurose e, conseqüentemente, propiciar novos meios de investigação e intervenção terapêutica. Aqui a análise freudiana já propõe uma abordagem multifatorial no modelo de explicação causal das neuroses, tratado como equação etiológica. A equação etiológica postula, neste momento, a hereditariedade como pré-requisito do distúrbio nervoso, desempenhando o papel de condição necessária, mas não suficiente, da neurose. Ou seja, o fator hereditário desempenha relevância causal, mas necessita de outros fatores para que o distúrbio nervoso possa se manifestar. Em seguida, Freud estabelece as causas concorrentes ou auxiliares, não hereditárias, que desempenham papel de condições não necessárias nem suficientes, mas que exercem influência causal no favorecimento da neurose. Por fim, as causas específicas aparecem como condições necessárias que, em conjunto com a pré-condição e com os diferentes níveis de intensidade de cada condição causal, acabam funcionando como condições suficientes, determinando não somente o surgimento da neurose – sendo este proporcional ao grau da pré-condição hereditária – como a escolha do tipo de neurose. No artigo publicado em 1895 – *A propósito das críticas à neurose*

de angústia – Freud introduz ainda outro elemento na série, as chamadas causas precipitantes ou desencadeantes, cuja condição não é necessária, tampouco suficiente, mas que precede a aparição do efeito, exercendo papel desencadeador dos sintomas. Algumas explicações correntes da época, como o excesso de trabalho, são rejeitadas por Freud como causas para emergências dos sintomas neuróticos, uma vez que desempenham somente este papel temporal desencadeante da neurose, ou seja, emergem como propiciadores do sintoma, e não propriamente como condições necessárias ou suficientes quando tomadas isoladamente. Poderiam ser usualmente substituídos por outras condições desencadeantes quaisquer. Seriam, portanto, expressas no contexto clínico através dos conteúdos manifestos, sendo necessária ao terapeuta a investigação dos conteúdos latentes responsáveis pelo quadro neurótico.

Em 1896 Freud ainda estava preocupado em identificar as causas específicas da neurose e em questionar o papel preponderante que a explicação hereditária desempenhava. Entre os argumentos apresentados, ele defende que os casos de hereditariedade dissimilar, nos quais doenças nervosas diversas ocorrem em membros de uma mesma família, não explicam satisfatoriamente o problema da escolha da neurose, sendo preciso investigar a etiologia específica de cada afecção nervosa, de origem não hereditária. Porém, o principal fator responsável pela rejeição da explicação exclusivamente hereditária se encontrava no procedimento indutivo de identificação dos fatores etiológicos comuns investigados em cada tipo específico de neurose. Freud procura identificar os nexos entre os fatores sexuais nocivos específicos ou causas específicas responsáveis pela emergência de cada um dos tipos das neuroses atuais.

As investigações acerca dos fatores causadores das neuroses atuais relacionavam a neurastenia ao onanismo excessivo, resultando em uma incapacidade para tolerar aumento da tensão sexual, bem como na debilitação do grupo sexual psíquico e diminuição da produção sexual somática. A neurose de angústia foi relacionada ao coito interrompido, resultando em excitação sexual transformada, uma vez que não fora convertida em sua contrapartida psíquica. A neurose de angústia é definida como tensão sexual não tramitada psiquicamente, sendo esta condição atingida por meio da abstinência sexual ou de relações incompletas e desvio do interesse psíquico da esfera da sexualidade. As hipóteses etiológicas são formuladas por meio de um modelo explicativo tipicamente fisiológico e ontogenético, relacionando as desordens psicológicas às causas toxicológicas que são expressão da satisfação sexual inadequada e geram a angústia neurótica. Esta concepção norteou a proposição dos fatores etiológicos das psiconeuroses como análogos às neuroses atuais, embora entendidos como de origem psíquica ao invés de preponderantemente somáticas. Sendo assim, a histeria foi entendida como defesa contra idéia incompatível e conseqüente conversão somática da excitação; a fobia compreendida como separação entre a idéia patogênica e a respectiva medida quantitativa da excitação, vinculando a excitação às idéias compatíveis; as psicoses alucinatórias entendidas como rejeição da representação intolerável e da medida quantitativa (afeto) resultando em defesas alucinatórias; e a paranóia entendida como aceitação do conteúdo representacional incompatível, mas projeção no mundo externo.

As neuroses atuais serviram como ponto de partida em que o elemento ambiental desempenhava papel relevante em sua relação direta, de ordem tóxica, na emergência dos sintomas. Porém, as neuroses atuais, fundamentalmente tratadas como distúrbios tóxicos com uma causa específica ambiental bem delimitada (*vita sexualis* anormal), também são explicadas por meio de um componente hereditário, apesar de poderem “muito bem prescindir da cooperação de uma disposição hereditária” (Freud 1896a, p. 150). Embora defenda a existência de uma causa ambiental para a neurose de angústia,

Freud faz questão de introduzir uma ressalva: “existem muitas mulheres afligidas por neurose de angústia congênita, ou seja, que trazem por herança” (Freud 1895, p. 128). Ainda que se constitua como exceção, o autor não negligencia o fator hereditário mesmo nos casos em que predominam as etiologias tipicamente ambientais. A angústia congênita constitui um dos exemplos fornecidos, podendo ser comprovada se “a mulher que reagiu a um único susto com uma neurose de angústia tiver antes desfrutado de uma *vita sexualis* normal” (*ib.*, p. 129).

As investigações freudianas conduziram-no ao entendimento dos eventos ambientais como causas específicas responsáveis pela emergência das neuroses. Todavia, conforme acabamos de ver, as possibilidades das explicações com base hereditária não foram excluídas, em virtude da consideração multifatorial responsável pela introdução da equação etiológica no processo de investigação. Freud ainda observa que a metodologia investigativa, baseada em anamneses, torna a explicação etiológica ainda mais difícil, uma vez que muitos dos relatos não correspondem à realidade efetiva, sendo muitas vezes obscurecida a distinção entre a fantasia e a realidade. Tal procedimento, por exemplo, corria o risco de tomar como verdadeiros os inúmeros casos de partenogênese ou de sífilis em virgens, dada a quantidade de relatos fantasiosos e demais mecanismos de defesa que surgem na clínica terapêutica. O procedimento investigativo psicanalítico, apesar de fornecer muitas evidências dos mecanismos de defesa em operação nas falas dos pacientes, também possui o inconveniente de ser questionável em função destas mesmas resistências. O resultado da crescente suspeita freudiana acerca da fidedignidade dos relatos factuais das anamneses desembocaria no abandono da teoria da sedução e no conseqüente aumento do peso relativo das variáveis constitucionais na gênese dos distúrbios neuróticos. A rejeição da teoria da sedução enquanto explicação da etiologia das psiconeuroses opera, num primeiro momento, um enfraquecimento das hipóteses etiológicas empírico-ambientais e um fortalecimento das hipóteses hereditárias contra as quais Freud se opusera anteriormente.

A explicação etiológica da neurose histérica, antes do abandono da teoria da sedução, se baseava na postulação de fatores traumáticos relativos à cena de sedução sexual infantil, oferecendo, inclusive, as bases para diferenciações entre patologias – de modo que a histeria se diferenciava da neurose obsessiva em virtude da passividade ou atividade exercida na cena sexual infantil de caráter traumático (Freud 1896b). Freud postula como condição necessária à disposição neurótica a ocorrência de um modo particular de trauma em um momento específico da vida: “é preciso que estes traumas sexuais correspondam à tenra infância (*frühen Lindheit*) (o período da vida anterior à puberdade), e seu conteúdo tenha que consistir em uma efetiva irritação dos genitais (processos semelhantes ao coito)” (Freud 1896b, p. 164). Nesta fase de sua obra, a preponderância de fatores constitucionais é completamente minimizada, restringindo o escopo explanatório aos seus aspectos vivenciais e acidentais ocorridos durante a infância e a puberdade. A própria sexualidade infantil é entendida sob uma conotação passiva, de modo que as experiências de sedução infantil necessárias à emergência das patologias neuróticas exercem influência traumática justamente em função do caráter meramente latente das experiências infantis.⁶ Percebe-se, durante a vigência da teoria da sedução, o ápice da importância do fator ambiental, reduzindo o papel explanatório dos fatores constitucionais e, conseqüentemente, das determinações biológicas. Este momento, contudo, foi efêmero. Com a desconfiança em relação à sua *neurotica* (teoria da sedução), evidenciada em carta a Fliess (Freud 1950 [1892-99], p. 301), Freud tem que encontrar um novo caminho que lhe permita explicar a etiologia e a escolha da neurose. A cena sexual traumática não precisa mais ser entendida como condição necessária à emergência dos sintomas nas psiconeuroses, pois a exigência desta pré-

condição acarretaria, dentre outros motivos,⁷ na aceitação de um número consideravelmente grande de casos de sedução infantil, inclusive do próprio Freud – conforme ele constatou em sua auto-análise. Inicialmente, Freud não somente abandona a hipótese da cena real de sedução como pré-condição da neurose, como também questiona o papel das experiências infantis como causas específicas da neurose. Esta constatação o conduz a explicitar sua preocupação com relação ao peso etiológico do fator ambiental e a considerar a retomada da perspectiva hereditária:

E, de imediato, quero confiar-lhe o grande segredo que pouco a pouco me foi transparecendo nas últimas semanas. Já não creio mais em minha *neurotica*. (...) Parece de novo discutível que são somente as vivências posteriores que estimulam as fantasias, que se remontam à infância; com isso o fator de uma predisposição hereditária recobra uma jurisdição de que eu me havia proposto excluí-la (*verdrängen*) no interesse de um total esclarecimento da neurose (Freud 1950 [1892-99], p. 302)

A rejeição das hipóteses exclusivamente hereditárias, representadas por Charcot, exigiu de Freud uma fundamentação que permitia explicar a etiologia da histeria tendo por base fatores ambientais relevantes e não meramente *agents provocateurs*. Contudo, a teoria alternativa proposta por Freud, sob a hipótese de uma vivência real de sedução, tornou-se insustentável diante da quantidade de evidências contrárias que se impuseram. A rejeição da teoria da sedução tal como inicialmente formulada por Freud, estabeleceu restrições à sua metodologia de pesquisa baseada na inferência de episódios sexuais reais e, portanto, à formulação de uma teoria de cunho estritamente ambientalista que conduzisse à etiologia dos sintomas histéricos. As evidências clínicas freudianas apontavam para fatores ambientais potencialmente traumáticos, cuja origem hereditária era questionável, mas, ao mesmo tempo, as explicações propostas começaram a se mostrar infundadas, demonstrando características que poderiam ser atribuídas à constitucionalidade. O dilema que se apresenta à Freud admite uma saída: a despeito de explicações puramente acidentais ou puramente hereditárias, ele postula uma cooperação entre predisposições hereditárias e causas eliciadoras ambientais:

Não é fácil apreciar em sua proporção recíproca a eficácia dos fatores constitucionais e acidentais. Na teoria tende-se sempre a superestimar os primeiros; a prática terapêutica destaca importância aos últimos. Em nenhum caso se deveria esquecer que existe entre ambos uma relação de cooperação e não de exclusão. O fator constitucional tem que aguardar que certas vivências o coloquem em vigor; o acidental tem que apoiar-se na constituição para se tornar eficaz. Na maioria dos casos é possível imaginar uma série complementar, na qual as intensidades decrescentes de um fator são compensadas pelas crescentes do outro; porém, não há fundamento algum para negar a existência de casos extremos nos limites da série (Freud 1905 [parágrafo agregado em 1915], p. 211)

O abandono de sua *neurotica* e a necessidade da investigação dos fatores ambientais potencialmente traumáticos faz com que Freud proponha algumas alternativas para explicar a escolha da neurose. Ele retira o peso que o fator ambiental exerce sobre o trauma e gradativamente desloca a ênfase do fato em si – a cena de sedução propriamente dita – para o papel que a fantasia adquire na trama psíquica. A partir de então, o fator ambiental não atua mais como condição necessária na explicação da etiologia da neurose, abrindo espaço para considerações de ordem constitucional, mediadas pelo papel que a fantasia representava na gênese dos sintomas. Durante algum tempo, o autor atribui a escolha da neurose ao fator temporal: relacionado ou com o momento da ação defensiva contra a revivescência da experiência traumática ou com o momento da cena traumática infantil. Logo, a noção de trauma é relacionada não tanto com o caráter traumático da cena de sedução quanto com a recordação de uma cena que

adquire um caráter sexual e traumático *a posteriori*. No entanto, uma explicação satisfatória só emerge em 1915, após as conceituações adicionadas aos *Três ensaios de teoria sexual*, que trata das organizações pré-genitais da libido. Segundo Strachey (Freud 1913a), a novidade introduzida por Freud em 1915 consistiu na postulação da regularidade dos estágios libidinais pré-genitais, com a prevalência de cada respectivo componente pulsional. Esta proposta freudiana abre espaço para a generalização buscada anteriormente via hereditariedade sem precisar recorrer a fatores hereditários ocultos, uma vez que os estágios sucessivos, apesar de sua constitucionalidade, são explicados através da recorrência a aspectos ontogenéticos – como o conceito de apoio – em sua relação com os filogenéticos. A partir dos textos *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* (1911) e do caso Schreber - *Apontamentos psicanalíticos sobre um caso de paranóia* (1911 [1910]) – Freud, utilizando o conceito de fixação de sucessivos estágios libidinais e também o de regressão, estabelece o modo de operação responsável pela escolha da neurose, vinculando cada tipo de neurose a uma confluência da regressão – função da intensidade de uma experiência potencialmente traumática adulta – e da fixação – função da intensidade das experiências libidinais infantis. A etiologia da neurose passa a ser encarada como resultado das séries complementares – as quais serão tratadas mais adiante – e sua respectiva escolha é entendida como consequência da fixação em determinado estágio libidinal de desenvolvimento, em conjunção com o caráter regressivo causado pela magnitude do evento potencialmente traumático. Estes dois elementos também desempenham papel complementar entre si tendo em vista sua força relativa na série complementar etiológica.

Em 1913, no texto *A predisposição à neurose obsessiva*, Freud ainda está formulando e procurando investigar os sucessivos estágios pré-genitais libidinais que permitem explicar a escolha de cada distúrbio específico. O conceito de fixação é entendido em termos de disposição, sendo tratado por Freud em função de uma “inibição de desenvolvimento” (Freud 1913a, p. 338) em determinado estágio libidinal. O autor ressalta ainda que não cabe à psicanálise investigar os fatores responsáveis por estes distúrbios de desenvolvimento e que esta deve outorgar “o problema para a pesquisa biológica” (*ib.*). Ele inclusive remonta este problema biológico ao trabalho de Fliess, “que tem revelado a significação de certos períodos temporais para a biologia” (*ib.*). Ainda, no mesmo texto, Freud procura apoio na biologia para justificar o estágio anal-sádico de organização libidinal como um correspondente a uma tendência passiva estabelecida biologicamente. Contudo, apesar de postular que a escolha da neurose depende fundamentalmente do caráter disposicional responsável pela fixação do respectivo estágio libidinal, Freud cita um caso em que a experiência fora determinante para uma mudança no ponto de fixação em direção a um ponto anterior: “temos aqui uma exceção – é verdade que, todavia, uma exceção discutível – à nossa proposição que declara que a escolha da neurose é independente da experiência” (Freud 1913a, p. 339).

Podemos perceber como a distinção hereditário/adquirido recebe pesos relativos e diferenciados ao longo das propostas freudianas. Primeiramente, a distinção freudiana visa contrariar as postulações estanques da medicina representada pelo seu mestre Charcot, que atribuía excessivo peso às determinações constitucionais. Em seguida, a própria formulação freudiana em relação aos fatores traumáticos ambientais já não se sustenta, culminando na formulação de estágios pré-genitais de organização libidinal que acabam por complexificar as oposições anteriores. Na medida em que a teoria avança, a distinção começa a se tornar tênue, uma vez que as categorizações freudianas não permitem mais pensar em explicitações isoladas de um ou outro fator. A teoria da sedução, por exemplo, embora completamente abandonada em sua significação inicial,

é retomada dentro deste contexto de permanente tensão entre vivências ambientais e fatores constitucionais. A vivência de sedução emerge em outro contexto explicativo, entendida já como fantasia de sedução, adquirindo um estatuto originário, de cunho filogenético, conforme nos indicam Laplanche e Pontalis (1988a, p. 229): “Os fantasmas (fantasias) típicos encontrados pela psicanálise levam Freud a postular a existência de esquemas inconscientes que transcendem a vivência individual e que seriam hereditariamente transmitidos: as profantasias”.

Porém, apesar de possuir uma fundamentação filogenética, as fantasias originárias freudianas não perdem seu apoio no terreno da realidade:

Na época em que o principal interesse se dirigia ao descobrimento de traumas sexuais infantis, quase todas as minhas pacientes mulheres se referiam que haviam sido seduzidas pelo pai. Ao fim tive que chegar à intelecção de que estes informes eram falsos, e assim compreendi que os sintomas histéricos derivam de fantasias, não de episódios reais. Só mais tarde pude discernir nesta fantasia de sedução pelo pai a expressão do complexo de Édipo típico na mulher. E agora reencontramos a fantasia de sedução na pré-história pré-edípica da menina, porém a sedutora é em geral a mãe. Contudo, aqui a fantasia toca o terreno da realidade, pois foi efetivamente a mãe quem, a raiz de suas atividades do cuidado corporal, provocou sensações prazerosas nos genitais, e talvez até as despertou inicialmente (Freud 1933 [1932], p. 111).

Esta passagem evidencia como o problema não se resume, para Freud, a uma simples polarização entre o hereditário e o ambiental. A relação de complementaridade entre os termos torna qualquer oposição estanque menos nítida. Por um lado, a vivência de sedução é uma vivência real, embora não possa ser entendida em sua significação original de sedução tal como apresentada nos *Estudos sobre a histeria*. Essa vivência real não é mais entendida como vivência passiva, mas sim em relação com as fantasias que adquirem cada vez mais uma fundamentação filogenética no discurso freudiano. Nesta passagem, em que o autor procura evidenciar os sentimentos ambivalentes da menina em relação à mãe, as explicações que se seguem são ilustrativas. Primeiramente, ele ressalta o fato de que as crianças acabam entrando no desmame muito precocemente, ilustrando um fator ambiental real que contribui para o rancor em relação à mãe. Em seguida, defende que este rancor, apesar de justificado, apareceria mesmo diante de uma amamentação ininterrupta, ressaltando a avidez insaciável da criança e o caráter meramente contingente do evento que supostamente causaria o rancor. A contingência da causa banal remeteria, em última instância, ao complexo de castração, entendido como pré-disposição à emergência de sintomas neuróticos futuros, fazendo o autor retomar a idéia das séries complementares:

A respeito de muitas atitudes pulsionais patológicas – ou mesmo raras -, por exemplo, todas as perversões sexuais, cabe perguntar o quanto de sua intensidade deve atribuir-se às fixações da primeira infância e quanto ao influxo de vivências ou desenvolvimentos posteriores. Quase sempre se trata aqui de umas séries complementares como a que supusemos na elucidação da etiologia das neuroses. Ambos os fatores participam com proporções alternadas na causação; uma diminuição em um dos lados é compensada por um aumento no outro. O infantil é, em todos os casos, o que marca a direção, nem sempre é decisivo, embora o seja muito freqüentemente (Freud 1933 [1932], p. 116).

As explicações ambientais entram em cena como explicações ontogenéticas, ou seja, como explicações que evidenciam os fatores observáveis responsáveis pela emergência dos sintomas. Todavia, diante da contingência dos diversos fatores ambientais, Freud nos remete às explicações de caráter constitucional e filogenético. A explicação filogenética representa as condições de possibilidade na emergência dos sintomas neuróticos e conduz Sigmund a uma retomada do fator ambiental em sua

dimensão biológica e histórica. As explicações filogenéticas acabam reconduzindo a dinâmica psíquica a uma consideração que remonta à história biológico-funcional: “(...) todas as compulsões internas que adquiriram vigência no desenvolvimento do homem foram, na origem, isto é, na história da humanidade, somente compulsões externas” (Freud 1915, p. 284). Neste caso, mesmo diante do crescente peso da constitucionalidade, ele não abandona o domínio da experiência, apenas desloca a explicação do nível ontogenético para o filogenético, ainda que este domínio filogenético esteja, assim como muitos outros conceitos, no domínio puramente especulativo. Uma hierarquia explanatória pode ser visualizada neste ponto. Primeiramente, uma tentativa de explicação ontogenética, através do rastreamento das condições ambientais; em seguida, a explicação filogenético-histórica emerge como complementar, a fim de satisfazer as exigências de generalização perante a insuficiência dos dados ambientais. Neste sentido, para Laplanche e Pontalis, a teoria da sedução resiste às evidências empíricas contrárias por meio de um alicerce biológico filogenético de fundamentação que sustenta seu caráter de realidade evidenciado através das fantasias correspondentes:

Se esta segunda possibilidade [a da hereditariedade] – sobre a qual Freud confessa tê-la sempre recalcado – recupera terreno, é porque, na verdade, a busca do evento originário redundou num impasse; mas também é porque Freud, nesse momento de confusão, não consegue desprender-se do que existe de positivo na teoria da sedução, para além do realismo do evento datável. Se o evento se esquivava, então o outro termo da alternativa – a constituição – é reabilitado. Pois se o real, numa de suas modalidades, falta e revela não passar de ficção, cumpre buscar alhures um real que sirva de alicerce para essa ficção (Laplanche; Pontalis 1988b, p. 37).

As séries complementares freudianas também permitem vislumbrar a crescente complexidade da teoria e a rejeição de dicotomias pré-estabelecidas. Inicialmente a equação etiológica, nos textos da última década do século XIX (Freud 1895, 1896a), tratava do componente disposicional em sua dimensão predominantemente hereditária. No entanto, esta distinção se tornara cada vez menos rígida:

Nesta atividade sexual dos primeiros anos infantis, também a constituição congênita pôde enfim retomar seus direitos. Disposição e vivência se enlaçaram aqui em uma unidade etiológica inseparável; com efeito, a disposição elevava à condição de traumas desencadeadores e fixadores impressões que de outro modo haveriam sido inteiramente triviais e ineficazes, enquanto que as vivências despertavam na disposição certos fatores que, sem elas, poderiam ter permanecido muito tempo adormecidas e talvez nem se desenvolvessem (Freud 1914b, p. 17).

A introdução do conceito de séries complementares constitui a síntese das formulações anteriores, a solução freudiana para a transposição de qualquer oposição entre as determinações herdadas e ambientais. Na *22ª Conferência de Introdução à Psicanálise* (1917 [1916-17]), ao expor pela primeira vez seu conceito de séries complementares, Freud passa a considerar a pré-disposição (*Disposition*) não mais somente como fator hereditário e constitucional, mas como resultado das causas hereditárias (*Anlage*) e adquiridas na experiência infantil. A investigação e teorização acerca dos estágios de organização libidinal pré-genitais permitem explicar não somente a escolha da neurose com base nos estágios libidinais, mas também a complementaridade existente entre os fatores constitucionais e as experiências infantis. A noção de séries complementares dá prosseguimento a uma idéia já desenvolvida através da equação etiológica, com a introdução de uma modificação que evidencia o

determinação genética baseada em vínculos objetivos pré-estabelecidos. A pulsão sexual, desde sua gênese – diferentemente da fome, por exemplo – é completamente autônoma em relação a seu objeto e alvo, não se vinculando a eles exclusivamente em função de sua finalidade biológica. Os vínculos objetivos devem ser explicados então através do recurso histórico-psicológico, conduzindo a explicação aos seus constituintes ambientais e vivências infantis. Em contrapartida, a abordagem estritamente ambientalista não explica como pessoas sujeitas às mesmas influências sexuais e ambientais desempenham comportamentos sexuais distintos, necessitando de algum tipo de investigação acerca de tendências e impulsos constituídos filogeneticamente. Freud acentua que a confusão entre fatores psicológicos e biológicos – neste caso, entendido como anatômicos – não contribui para a solução do problema. Os casos de hermafroditismo (anatômico) e de inversão homossexual (psicológica) devem ser tratados de forma independente, sendo contingente a relação entre os dois, envolvendo uma série de condições hereditárias e ambientais. Ele questiona a tese de que a bissexualidade psíquica esteja fundamentada no hermafroditismo biológico: “a inversão e o hermafroditismo somático são, em linhas gerais, independentes entre si” (*ib.* 1905, p. 129). Apesar desta constatação, o autor não deixa de afirmar: “na inversão, intervém de algum modo uma disposição bissexual, embora não saibamos em que consiste essa disposição além da formação anatômica” (*ib.*, p. 131). A recusa da biologia aqui, novamente, é uma recusa de um tipo específico de biologia que vincula aspectos anatômicos às determinações psicológicas, embora admita espaço para introdução de fundamentações acerca da bissexualidade em seu aspecto anatômico.

Freud parece sempre transitar na tênue fronteira entre explicações psicológicas e fundamentações biológicas. Neste caso específico que utilizamos como exemplo, ele se refere a estudos anatômicos, como os de Krafft-Ebing e Chevalier, para comprovar a universalidade da bissexualidade recorrendo à sua fundamentação anatômica. Contudo, ao mesmo tempo, em virtude desta universalidade, atribuiu a inversão homossexual psicológica a outros fatores que não os anatômicos. Sua tentativa de se desvincular da perspectiva anatômica como base para inferências psicológicas não o impede de considerá-las. Ao contrário, ele procura explicitar como este modelo é insuficiente, concluindo: “substituir o problema psicológico pelo anatômico é tanto ocioso como injustificado” (*ib.*, p. 130). Freud recusa também certa concepção biologizante que atribui à degeneração nervosa todo e qualquer tipo de desvio, como no caso da inversão homossexual. Neste sentido, ele procura se contrapor às visões moralistas revestidas de um estatuto médico, como as que estudam as perversões entendidas como sinais de doença e degeneração. É questionada a visão moralizante do conceito de perversão, passando este a ser analisado dentro de um quadro de desenvolvimento geral que todos atravessam, em maior ou menor grau:

A experiência cotidiana tem mostrado que a maioria dessas transgressões, no mínimo as menos graves dentre elas, são um componente da vida sexual que raramente falta nas pessoas sãs e que é por elas julgado como qualquer outra intimidade (*ib.*, p. 129).

Freud também conduz para o âmbito psicológico a diferenciação que antes era atribuída à biologia, pois os fatores fisiológicos não permitem traçar uma fronteira nítida entre o âmbito do normal e do patológico:

No campo da vida sexual, justamente, se tropeça com dificuldades peculiares, e realmente insolúveis no momento, quando se pretende traçar uma fronteira nítida entre o que é mera variação dentro da amplitude fisiológica e os sintomas patológicos (*ib.*, p. 146).

A patologia deve ser considerada em sua dimensão psicológica, mais que no aspecto anatômico. A biologia no qual Freud se apóia para a formulação de hipóteses psicológicas procura não identificar, desde *A Afasia* (1891), uma perspectiva biológico-funcional do psiquismo com uma perspectiva puramente anatômica, o que não implica na rejeição de hipóteses com fundamentação biológica.

A partir das considerações anteriores, podemos concluir que a série complementar freudiana fornece o paradigma ideal para a formulação de conceitos e mecanismos de funcionamento do psiquismo que permitem tanto uma abordagem teórica, biológica e generalizante quanto uma abordagem do acidental, psicológico e particular. Com a introdução das séries complementares Freud complexifica as relações causais em operação na construção de sua teoria, ao mesmo tempo em que permite a superação de uma oposição radical entre hereditariedade e ambiente. Neste sentido, antecipa estudos multidisciplinares mais profícuos para lidar com a complexidade da questão etiológica. Winograd et al. (2007), por exemplo, apontam uma série de estudos contemporâneos que relacionam fatores genéticos, fatores ambientais infantis e fatores ambientais da vida adulta à ocorrência de quadros neuróticos. Este paradigma proposto por Freud fornece a perspectiva de uma prática terapêutica que atue sobre o acidental sem perder de vista a formulação de uma teoria do psiquismo que discorra acerca do universal. A série complementar, além de fornecer o modelo de explicação que concilia o biológico e herdado com o acidental e vivenciado, fornece também um modelo para o entendimento da relação entre a prática clínica e a teoria metapsicológica, uma vez que estes dois domínios acabam representando, respectivamente, uma investigação histórico-psicológica dos fatores etiológicos responsáveis pela emergência dos sintomas e uma formulação generalizante acerca dos mecanismos e estruturas psicológicas que sustentam a investigação causal. As considerações constitucionais, por sua vez, encontram em Freud uma fundamentação cada vez mais ambientalista-filogenética, ou seja, levam em conta os fatores constitucionais sem perder de vista a perspectiva histórica, ultrapassando o domínio da história individual na explicação dos fenômenos psicológicos e passando a incluir as explicações funcionais com fundamentações filogenéticas. Desta maneira, Freud procura constituir uma disciplina que se pode propor ao mesmo tempo investigar os fatores ambientais e os fatores biológicos – evidenciados por meio do processo de aquisição filogenética das diversas formações psíquicas. Seu trabalho se dá por meio da tentativa de explicação da gênese funcional dos sucessivos estádios de organização libidinal e suas supostas significações na história da humanidade. Podemos concluir que a tentativa de autonomia da psicanálise enquanto área com um campo específico de problemas era dificultada pela relação estreita que seu objeto de estudo estabelecia com as ciências biológicas. Ou seja, Freud inevitavelmente esbarra no domínio biológico na medida em que envereda no processo de generalização progressiva dos determinantes psicológicos. A constituição de uma psicologia que se pretendia científica tinha como alicerce teórico a constituição de uma metapsicologia subjacente, que procuraria postular as causas não observáveis dos mais diversos fenômenos da vida psíquica, relacionando-as com as ocorrências históricas e com os sintomas psicológicos e somáticos, encontrando no modelo explicativo biológico uma de suas fontes epistemológicas inspiradoras. Cabe então ressaltar que não se trata, para Freud, de assumir uma única via explanatória em detrimento das demais, mas considerar e combinar diferentes perspectivas teóricas no exame dos fenômenos psíquicos.

Notas

1. Doutorando – Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências – UFSCar
2. Hipótese charcotiana acerca do conjunto de transtornos do sistema nervoso que podem substituir-se reciprocamente através dos vínculos hereditários, dentre eles a sífilis e a histeria. Freud questionará essa posição de Charcot por ocasião de seu Prólogo e notas de tradução de *Leçons Du mardi de La Salpêtrière* (Freud 1892-94, p. 177).
3. “O efeito do método catártico de Breuer consiste em voltar a guiar a excitação, com consciência da meta, do corporal ao psíquico, para forçar logo a reequilibrar a contradição mediante um trabalho do pensamento e a descarregar a excitação por meio da fala” (Freud 1894, p. 51).
4. Apesar de abandonado o método de hipnose, em virtude de sua eficácia limitada e sua abrangência restrita (Freud 1893-95), Freud não lhe retira sua importância na gênese de sua nova disciplina: “Temos que agradecer sempre à velha técnica hipnótica que nos exibira certos processos psíquicos da análise em seu isolamento e esquematização. Somente em virtude disto pudemos ter a ousadia de criar situações complexas na cura analítica, e mantê-las transparentes” (Freud 1914a, p. 150).
5. Apesar de discordar de Beard em relação à importância outorgada por este aos fatores auxiliares – como o excesso de trabalho, que considera como mero *agent provocateur* – Freud concorda com a minimização do fator hereditário outorgado por ele à neurastenia.
6. Embora Freud outorgue a escolha da neurose obsessiva em função do caráter ativo exercido na cena sexual traumática, ele sempre retoma a atividade a alguma contingência externa, resguardando o caráter sexual das experiências infantis à condição meramente reativa (Freud 1896b).
7. Dentre os outros motivos, Freud enumera os desapontamentos de sua própria auto-análise chegar a uma conclusão real, a desistência de alguns pacientes cujo êxito terapêutico estava se dando com segurança, a ausência de melhoras significativas diante das interpretações fornecidas, a introdução de novas possibilidades interpretativas, o número inveridicamente grande de casos de sedução e a constatação de que no âmbito inconsciente a realidade não se distingue da fantasia (Freud 1950 [1892-99], p. 301).

Referências Bibliográficas

- EDELSON, Marshall (1984). *Hypothesis and Evidence in Psychoanalysis*. Chicago: University of Chicago Press.
- FREUD, Sigmund. “Histeria” (1888). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: Sigmund Freud*. vol. 1. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, pp. 41-66.
- _____. *La Afasia* (1891). Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1973.
- _____. “Un caso de curación por hipnosis” (1892-93). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: Sigmund Freud*. vol. 1. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, pp. 147-162.
- _____. “Fragmentos de la correspondencia con Fliess” (1950 [1892-99]). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: Sigmund Freud*. vol. 1. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, pp. 211-322.
- _____. “Prólogo y notas de la traducción de J.-M. Charcot, *Leçons du mardi de la Salpêtrière*” (1892-94). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: Sigmund Freud*. vol. 1. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, pp. 163-178.
- _____. “Charcot” (1893). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: Sigmund Freud*. vol. 3. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, pp. 07-24.
- _____. “Estudios sobre la histeria” (1893-95). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: Sigmund Freud*. vol. 2. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988.
- _____. “Las neuropsicosis de defensa” (1894). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: Sigmund Freud*. vol. 3. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, pp. 41-68.
- _____. “A propósito de las críticas a la ‘neurosis de angustia’” (1895). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: Sigmund Freud*. vol. 3. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, pp. 117-138.

- _____. “La herencia y la etiología de las neurosis” (1896a). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: Sigmund Freud*. vol. 3. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, pp. 139-156.
- _____. “Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa” (1896b). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: Sigmund Freud*. vol. 3. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, pp. 157-184.
- _____. “La etiología de la histeria” (1896c). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: Sigmund Freud*. vol. 3. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, pp. 185-218.
- _____. “Fragmento de análisis de un caso de Histeria” (1905 [1901]). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: Sigmund Freud*. vol. 7. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, pp. 01-108.
- _____. “Tres ensayos de teoría sexual” (1905). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: Sigmund Freud*. vol. 6. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, pp. 109-224.
- _____. “Mis tesis sobre el papel de la sexualidad en la etiología de las neurosis” (1906 [1905]). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: Sigmund Freud*. vol. 7. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988.
- _____. “Puntualizaciones psicoanalíticas sobre un caso de paranoia (Dementia paranoides) descrito autobiográficamente” (1911 [1910]). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: Sigmund Freud*. vol. 12. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, pp. 01-76.
- _____. “Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico” (1911). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: Sigmund Freud*. vol. 12. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, pp. 217-232.
- _____. “La predisposición a la neurosis obsesiva. Contribución al problema de la elección de neurosis” (1913a). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: Sigmund Freud*. vol. 12. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, pp. 329-346.
- _____. “El interés por el psicoanálisis” (1913b). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: Sigmund Freud*. vol. 13. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, pp. 165-192.
- _____. “Recordar, repetir y reelaborar (Nuevos consejos sobre la técnica del psicoanálisis, II)” (1914a). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: Sigmund Freud*. vol. 14. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, pp. 145-158.
- _____. “Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico” (1914b). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: Sigmund Freud*. vol. 14. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, pp. 01-64.
- _____. “De guerra y muerte. Temas de actualidad” (1915). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: Sigmund Freud*. vol. 14. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, pp. 273-304.
- _____. “Conferencias de introducción al psicoanálisis (Parte III)” (1917 [1916-17]). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: Sigmund Freud*. vol. 16. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988.
- _____. “Presentación autobiográfica” (1925 [1924]). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: Sigmund Freud*. vol. 20. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, pp. 01-69.
- _____. “Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis” (1933 [1932]). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: Sigmund Freud*. vol. 22. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, pp. 01-168.

- _____. “Esquema del psicoanálisis” (1940 [1938]). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: Sigmund Freud*. vol. 23. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, pp. 133-210.
- LAPLANCHE, Jean.; PONTALIS, Jean-Bertrand (1988a). *Vocabulário da Psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA.
- LAPLANCHE, Jean.; PONTALIS, Jean-Bertrand (1988b). *Fantasia Originária, Fantasias das Origens, Origens da Fantasia*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- WINOGRAD, M. *et al.* (2007). “O que se traz para a vida e o que a vida nos traz: Uma análise da equação etiológica proposta por Freud à luz das neurociências”. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica* 20(3): pp. 414-24.